

Atenta ao mundo, cronista

Domingo, 18 de julho de 1993 — A TRIBUNA

Nair Lacerda faz 90 anos

Walter Mello

Lídia Maria de Melo

Da Editoria Local

A cronista e tradutora Nair Lacerda completa 90 anos hoje. Quando nasceu, em 18 de julho de 1903, o Brasil tinha em torno de 18 milhões de habitantes e o mundo ainda não havia conhecido os horrores dos grandes conflitos bélicos. “Comecei a ter noções políticas quando estourou a Primeira Guerra Mundial, em 1914”.

Santos, sua cidade natal, estava longe de possuir os bondinhos do Monte Serrat e as obras dos canais de drenagem, idealizados por Saturnino de Brito, ainda demorariam dois anos para serem iniciadas. Bondes a tração animal garantiam o transporte público.

Nair tem apenas três anos a menos que o século XX. Apesar disso, não vive com a sensação de que seus “ombros suportam o peso do mundo”, como poetou Drummond. Ao contrário. As pernas já não obedecem à avidez de movimentos do corpo miúdo, mas a mente se mantém atenta ao ritmo acelerado dos dias atuais.

Na máquina Olivetti Studio 45, sobre a escrivaninha forrada com feltro verde marcado pelo tempo, ela transforma em palavras tudo o que chama sua atenção e ativa seu pensamento. E de repente, ali mesmo ao lado da cama e da janela que emoldura uma pitangueira de estimação, é como se a vida recomeçasse.

Feminista — Escrevendo há um tempo que não sabe contar, Nair — que só cursou o antigo primário — se sente uma feminista. Em 1932, ano em que estreou em *A Tribuna*, defendeu o direito de as mulheres votarem. Na época, já



Em 1961, Nair Lacerda conquistou o Prêmio Jabuti de tradução

apoiava o divórcio, que só foi incorporado à legislação brasileira na década de 70.

“Era um tabu, mas eu achava repugnante um casamento sem amor, as brigas na frente dos filhos”. Ela falava com a autoridade de quem vivia, com Ernesto Lacerda, desde 1925, “o casamento mais completo

e mais perfeito que se pode ter vivido”. Ele morreu de câncer em 1948.

Sexo ela considera “maravilhoso”, mas condena a forma como é abordado por Jorge Amado, por exemplo. “Não é uma questão de moral, mas acho que sexo não deve ser tratado com brutalidade”.

Por isso não tem livros do

escritor baiano em sua rica biblioteca. “Não duvido do talento dele”. As restrições também atingem o francês Marcel Proust, autor de *À la recherche du temps perdu* (*Em busca do tempo perdido*). “Ô sujeito enjoado! Muito minucioso”.

Classifica a televisão brasileira como “uma coisa imbecilizante”. E justifica: “Uma emissora que passa os bons programas, uma coisa rara de se ver, à meia-noite, não pode ser chamada de outra forma”. A qualidade da programação também motiva críticas: “Quem é que aguenta a Escolinha do Professor Raimundo?”.

Ela conta que andou assistindo porque um leitor comunicou-a, por carta, que Chico Anísio fizera uma menção ao livro *As Grandes Anedotas da História*, organizado por ela para a Editora Cultrix.

Das novelas, gostou de *Pantanal* e *Gabriela*. Mais pela interpretação dos atores e pela capacidade dos autores de escreverem por um prazo que muitas vezes é prorrogado. “Gosto muito de nossos artistas”.

Amizade — A violência e o egoísmo do mundo atual a entristecem. “Sou de um tempo em que, quando uma família se mudava para uma rua, a vizinhança se apresentava para pedir licença para mandar o almoço. Assim, a dona da casa ficava livre para arrumar as coisas. Há hoje um egoísmo feroz. Dá até medo porque as pessoas estão se adaptando a um sistema em que quem é bom é bobo e quem é honesto é idiota”.

Nair também lamenta que as pessoas aleguem falta de tempo para visitas, para gostar de alguém e cultivar amizades. “Considero um patrimônio os meus amigos”.

Primeira crônica defendia o voto feminino

Leitora compulsiva, Nair Veiga Lacerda aprendeu Inglês e Francês com uma professora particular, mas espanhol e italiano, por conta própria. Grande admiradora do pai, Alberto Veiga, e do irmão Otávio Veiga, quis trabalhar em jornal como os dois.

Foi colaboradora do Diário de Santos e no dia 30 de outubro de 1932, ano do movimento constitucionalista, estreou em *A Tribuna* com a crônica *A Mulher Paulista e o Voto Feminino*. No início, assinava o pseudônimo Sylvia de Lóres, em homenagem a dois irmãos falecidos, Sylvio e Dolores.

Quando enviuvou em 1948, dedicou-se às traduções. Galeão Coutinho encaminhou-a à Editora Mérito, onde começou vertendo para o português, em 1949, o romance *Show Boat (Teatro Flutuante)*, da inglesa Edna Ferber. Para a mesma editora, em 1954, traduziu *Love for Lydia (Amor para Lídia)* de H.E. Bates.

Também atuou na Editora Saraiva, por indicação de Casiano Nunes, e na Cultrix, on-

de organizou coleções como *As Grandes Anedotas da História e Fábulas do Mundo Inteiro*. Em 1961, conquistou o Prêmio Jabuti, pela tradução de quase 200 títulos.

Sempre, porém, se recusou a traduzir poesia. “Não é a mesma coisa. Perde o prazer da palavra”. A seu ver, um poema dito em francês não tem a mesma sonoridade em português. “Falar de amor em francês é mais bonito”.

Como contista, publicou *O Feriado* na antologia *Contos e Novelas*, organizada por Graciliano Ramos e editada pela Casa do Estudante do Brasil, do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1957. No mesmo compêndio constavam trabalhos de Ruy Ribeiro Couto, Monteiro Lobato, Sérgio Buarque de Holanda e Orígenes Lessa.

Dois anos depois, saía *Nhá Colaquinha cheia de graça* na coletânea *O Conto Feminino*, compilada por Raimundo Magalhães Jr.. Esse conto, escrito a partir de uma história que ouviu de uma pessoa amiga, serviu de roteiro para *A Primeira Missa*, filmado nos estú-

dios da produtora Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, por Vítor Lima Barreto.

O cineasta já havia recebido, em 1953, um prêmio especial no Festival de Cannes, na França, pelo filme *O Cangaceiro*, rodado no ano anterior.

Livros e fotos — Quando saiu de Santos, passou uns tempos em Ribeirão Pires e recebeu o título de Cidadã Honorária. Já em Santo André, onde mora em um sobrado da Rua Padre Manuel da Nóbrega, o prefeito Fioravante Zampol convidou-a para montar a primeira biblioteca pública do município, que, mais tarde, acabou recebendo seu nome.

Em sua biblioteca particular, reúne inúmeros livros em duas grandes estantes. “Sempre fui uma viciada em leitura”. Mas não arquiva suas crônicas, a não ser as que fazem parte do livro *Reflexos*. “São mais de 3 mil. E detesto reler o que escrevo. Se reler vinte vezes, acho tudo uma droga e quero corrigir”.

Vive rodeada de móveis antigos e históricos. Em cima de-

les e nas paredes não faltam retratos. Do pai, do irmão (o único entre oito mulheres), dos sobrinhos-netos e sobrinhos-bisnetos, do único filho adotivo, de Galeão Coutinho. E até do poeta Martins Fontes, declamando *Arlequinada*. “Um dos tipos mais extraordinários que conheci”.

Maxixe — Admira a trajetória da zoóloga Berta Lutz, filha de Adolfo Lutz. Chegou a pesquisar sua vida e a de outras mulheres para elaborar um livro. “Seria a apresentação do movimento feminista e se chamaria *As mulheres na passarela da história*. Tenho desgosto de não ter escrito”.

Também lamenta não ter aprendido a andar de bicicleta, nem a nadar. “Fui a pessoa menos esportiva possível”. Mas sente a satisfação de ter dançado muito maxixe.

Sem se dedicar a qualquer religião, acredita na existência de Deus. A razão da crença ela aponta com bom humor: “Se não acreditasse, não teria suportado a primeira dor de dente, nem você estaria aqui me entrevistando”. (LMM)

Saudação a Nair

Maria José Aranha de Rezende

Colaboradora

Em seu livro de crônicas *Reflexos*, que Nair Lacerda lançou em Santos, sua terra natal, em 1986, há uma página da minha preferência entre tantas que nos têm brindado da maneira mais eloqüente. O título é *Envelhecer é dor*, onde comenta essa frase de Buda. Embora concordando, em parte, com o filósofo, ela termina com chave de ouro quando diz que “envelhecer pode ser também algo de muito belo”.

Precisamente nesse 18 de julho a escritora completa 90 anos de idade e essa longevidade tem sido, de fato, uma lição de vida.

São muitos os leitores deste jornal, onde colabora com suas crônicas desde 1932, que se acostumaram com sua presença, aos domingos, valorizando suas páginas, transmitindo os frutos da sua experiência com uma lucidez impressionante, cheia de força e energia.

Herdeira do talento de Alberto Veiga, Nair Lacerda se impôs no alto conceito das nossas letras, figurando um

dos seus contos na antologia dos contos brasileiros de Graciliano Ramos. O cineasta Lima Barreto aproveitou o conto *A primeira missa* num de seus filmes.

Tradutora das mais experientes, obteve o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em 1962.

Foi a primeira titular da Secretaria da Educação e Cultura de Santo André, cidade onde reside há vários anos.

Ainda ativa em seus trabalhos literários foi também uma das fundadoras do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos de Santos, que feste-

jou recentemente o seu meio século.

Na exiguidade desta crônica deixamos de traçar, na íntegra, como merecia a sua figura humana, aliada à sua inteligência e cultura.

Aqui deixamos, entretanto, a nossa grande admiração e ternura, neste dia tão especial, impedidas que estamos de levar pessoalmente nosso abraço amigo.

Sobretudo, agradecer o seu exemplo, nessa nossa mesma tarefa de escrever para o público.

Obrigado, Nair Lacerda!